

RUBEM BRAGA

CIMENTO

A FOLHA publicou hontem, na pagina 5, duas notas sobre o cimento.

A primeira dizia que "o cimento nacional póde abastecer todo o paiz".

A segunda dizia que "baixou o preço do cimento".

E' verdade que o preço baixou. Mas lendo o texto da nota vemos que baixou... das alturas a que se havia levado nestes ultimos dias. Na verdade, subiu. All está: antes da guerra, custava 13\$500 o sacco. Hoje custa 15\$000 o sacco. Não interessa saber si as fabricas tentaram elevar esse preço até 20\$000. Interessa notar que, neste ultimo mez, o preço effectivamente subiu de 1\$500 em sacco.

E isso não é pouco quando se trata de cimento.

Quanto ao facto do "cimento nacional poder abastecer todo o paiz", é interessante notar que, em grande parte, o cimento nacional... não é nacional. E não sómente é interessante como tambem é instructivo. Ha, no Brasil, varias fabricas de cimento. Umas são de propriedade de nacionaes — como os srs. Barbará e Dolabela Portella. Dessas realmente nacionaes conheço duas: uma no Espirito Santo, outra na Parahyba. Ha outras. Mas antes dellas se installarem, havia outras de grande producção, que ainda funcionam.

Não são nacionaes. São inglezas e americanas.

Ora, é bom notar que a industria do cimento é fortemente protegida. Para incrementar a producção no paiz, o governo cobra direitos de entrada que correspondem a 100 por cento do producto. Não se trata, no caso, de proteger uma industria artificial. A industria do cimento no Brasil é perfectamente economica: o cimento é fabricado com materia prima e mão de obra nacionaes. Na realidade é uma industria que não precisa de protecção. Mas existe essa protecção. Que acontece? Acontece que os preços do cimento fabricado no Brasil são preços artificialmente elevados. Suppondo que uma tonelada de cimento estrangeiro posta em nosso paiz custe 120 mil réis, temos, com mais de 120 mil de direitos, o preço de 240 mil réis.

Ora, as condições em nosso paiz são tão favoraveis á industria do cimento que quando o preço do estrangeiro em nosso porto é 120 mil réis, o custo da tonelada fabricada no paiz é de 50 mil réis. Isso é o custo. Mas o preço é feito... de accordo com o preço do cimento estrangeiro, inclusive os direitos, isto é, — 240 mil réis! Isso ou pouco menos, não importa. O que importa é notar que a protecção a uma industria que não precisa de protecção só serve para isso: enca-

recer tremendamente o producto. Vendendo o cimento pelo dobro do seu custo, com um lucro líquido de 100 por cento, as fabricas installadas no Brasil poderiam vender a menos da metade do preço actual!

Mas — poderá ser allegado — isso, de qualquer maneira é um bem para a economia nacional. Assim pelo menos não sahirá ouro do paiz para comprar cimento. Mas acontece que assim... sahe mais ouro! Ahi é que o absurdo começa a ficar monstruoso. Como algumas das fabricas nacionaes de cimento são de capital estrangeiro, temos o seguinte: essas fabricas exportam para seus acionistas os fabulosos lucros que chegam a ser superiores a 300 por cento.

O engenheiro Raul Ribeiro da Silva cita um facto bem caracteristico: nossa Marinha de Guerra, precisando de cimento para certas obras, exigiu certas marcas de cimento estrangeiro. As "nossas" usinas protestaram. Mas comprando o cimento estrangeiro o nosso Thesouro gastou 120 mil réis por tonelada — visto que os outros 120 mil réis ficariam com o proprio Thesouro, uma vez que correspondem ao pagamento de direitos. Comprando o cimento nacional, a nossa Marinha iria pagar uns 230 mil réis. Ora, desses 230 mil réis cerca de 180 mil réis corresponderiam ao lucro dos capitalistas estrangeiros que teem fabricas no paiz. Assim, no lugar de exportar 120 mil réis, a economia nacional exportaria 180 mil réis!

Precisamos, portanto, ter todo o cuidado antes de chamar certas industrias estabelecidas no paiz de industria nacional. O conceito expellido ha tempos, em uma excellente conferencia do tenente-coronel Juarez Tavora me parece justo: "Entende-se por empresa nacional a que, funcionando no paiz, e mesmo constituida, no todo ou em parte, com capital estrangeiro, — nacionalisa integralmente os seus lucros commerciaes, podendo apenas exportar as parcelas correspondentes á amortização do capital estrangeiro por ellas effectivamente importado, e aos juros legaes correspondentes á parte não amortizada desse capital."

Não é o caso, em absoluto, das fabricas, estrangeiras de cimento nacional.

Em resumo: nada justifica o augmento de 1\$500, que se annuncia, no sacco de cimento nacional. A materia prima é nacional, os operarios são nacionaes. O que se justificaria, e amplamente, é que o governo fizesse uma revisão de suas tarifas no caso e, como medida de urgencia, completamente e absolutamente justa, fixasse o preço do cimento, no maximo, igual ao que vigorava ha um mez atraz.